

## ITUZAINGÓ NÃO É WINSTON PARVA: OU COMO OS PERMANENTES SE TORNAM OUTSIDERS

## ITUZAINGÓ IS NOT WINSTON PARVA: OR HOW THE PERMANENTS BECOME OUTSIDERS

Eric Cardin<sup>1</sup>

### RESUMO

A construção da Hidrelétrica de Yacyretá no Rio Paraná, na altura dos municípios fronteiriços de Ituzaingó/Argentina e Ayolas/Paraguai, promoveu um conjunto de transformações ambientais e socioeconômicas em toda região próxima dos Saltos de Apipé. Neste contexto, o intuito do artigo é analisar a relação entre os antigos moradores de Ituzaingó e os trabalhadores migrantes vinculados a hidrelétrica, problematizando as fases de isolamento, concorrência e adaptação que marcam o contato entre os grupos, assim como os processos de estigmatização derivados. Para tanto, o estudo exigiu uma triangulação entre a análise bibliográfica, a observação direta e um conjunto de entrevistas realizadas no município argentino. Os resultados obtidos demonstram a existência inicial de um processo de segregação, sustentado pela exclusão e estigmatização da população nativa da região, mas que é gradativamente alterado com o fortalecimento das relações entre os grupos, momento em que se visualiza o fortalecimento de um processo de naturalização das diferenças.

**Palavras-chave:** Yacyretá. Ituzaingó. Estabelecidos. Outsiders. Fronteira.

---

<sup>1</sup> Doutor em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Pós-doutor em Antropologia Social pela Universidad Nacional de Misiones/Argentina (UNAM). Professor dos Programas de Pós-graduação em Ciências Sociais e em Sociedade, Cultura e Fronteiras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). E-mail: eric.cardin@unioeste.br.

**ABSTRACT**

The construction of the Yacyretá Dam on the Paraná River, near the border towns of Ituzaingó / Argentina and Ayolas / Paraguay, promoted a set of environmental and socio-economic transformation throughout the region near the Apipé Heels. In this context, the article aimed to analyze the relationship between the former residents of Ituzaingó and migrant workers linked to hydropower, discussing the stages of isolation, competition and adaptation originated from contact between groups, as well as derivatives stigmatization processes. Therefore, the study required a triangulation between the literature review, direct observation and a series of interviews in the Argentine city. The results showed the initial existence of a process of segregation, supported by the exclusion and stigmatization of the native population of the region, but that is gradually changed with the strengthening of relations between the groups, at which you view the strengthening of a naturalization process differences.

**Keywords:** Yacyretá. Ituzaingó. Established. Outsiders. Border.

## Introdução

A Usina Hidrelétrica de Yacyretá corresponde a uma das maiores obras públicas executadas na Argentina e em toda América Latina. Os primeiros estudos para aproveitamento hídrico dos *Salto del Apipé* são de 1926, mas somente depois de 32 anos foram efetivadas medidas mais concretas para avaliar e garantir a viabilidade e o aproveitamento energético do Rio Paraná, quando, por meio de um convênio argentino paraguaio, foi criada a Comissão Técnica Mista (CTM) em 1958. Depois de muitas discussões referentes ao traçado da futura barragem, o Tratado Binacional de Yacyretá foi assinado no ano de 1973, momento em que se criou a Entidade Binacional Yacyretá (EBY). Pouco tempo depois, em dezembro de 1974, foi realizada a transferência das funções e dos bens da CTM para EBY, visando a execução do projeto (THOMAS, 2013, p. 114).

As obras principais, com os sistemas de geração e transmissão de energia, começaram a ser construídos em 1983 e foram concluídas apenas em 2011. Já as obras civis foram iniciadas em 1982 e finalizadas dez anos depois, em 1992. Atualmente, Yacyretá possui 20 turbinas em sua casa de máquinas, que oferecem 3.100MW de potência, transmitida ao sistema energético argentino e paraguaio. A central hidrelétrica encontra-se a dois quilômetros do local onde se encontravam os Saltos de Apipé, em frente dos municípios de Ituzaingó/Argentina e Ayolas/Paraguai (THOMAS, 2013, p. 114). Como qualquer grande empreendimento, sua construção teve inconvenientes, como a inundação de extensas áreas na Argentina e no Paraguai, a necessidade de promover reassentamentos urbanos e rurais, altos custos de indenização a particulares que perderam terras e inúmeros problemas ambientais, onde se destaca a diminuição das espécies de peixes na região.

Em grande medida, a produção acadêmica sobre este megaempreendimento está concentrada em seus aspectos técnicos, nas alterações ocorridas no ecossistema e nas consequências de sua construção na formatação espacial e territorial da região e nos modos de viver das populações que de alguma maneira tiveram suas práticas modificadas com a execução do projeto. Concretamente, parte significativa dos estudos acadêmicos existentes são focados ou possuem como recorte o impacto das obras da EBY sobre o município de Posadas,

capital da Província de Misiones, já que a localidade é possuidora da maior densidade demográfica da região e foi uma das mais afetadas durante a construção da barragem<sup>2</sup>.

Neste contexto, acompanhando esta tendência de investigação, não é caro escrever que originalmente não previa estudar Ituzaingó. No entanto, as relações que estabeleci durante a pesquisa que realizava sobre o impacto da construção na Usina Hidrelétrica de Yacyretá nas estratégias dos trabalhadores inseridos nos circuitos de compra na fronteira Argentina/Paraguai e também na reformulação do espaço urbano da cidade de Posadas/Argentina, acabaram me conduzindo àquele município. De maneira objetiva, localizado na Província de Corrientes e com pouco mais de 20 mil habitantes, Ituzaingó abriga a sede argentina de Yacyretá. É lá que se encontra a estrutura construída para receber os trabalhadores da hidrelétrica e é de lá que partem os ônibus regulamentados para fazer a visitação da usina.

Atualmente, caminhar pelas ruas do município e conhecer a sua distribuição espacial permite observar o contraste entre uma estrutura antiga, de perfil colonial, e um conjunto de construções mais recentes, onde se destacam as habitações padronizadas ocupadas inicialmente pelos trabalhadores da hidrelétrica. No entanto, a paisagem segmentada não chega a ser uma novidade. O processo de construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu Binacional, na fronteira do Brasil com o Paraguai, apresenta muitas semelhanças com o caso estudado. Em ambas as situações se visualizam habitações e uma infraestrutura de saúde e educação específicas para atender as necessidades dos trabalhadores vinculados as usinas, assim como uma segregação que transcende a questão espacial, observada na separação social entre *permanentes* e *profesionales*<sup>3</sup>.

Embora seja possível propor uma discussão comparando e problematizando os dois contextos, este não é o principal objetivo deste

---

2 Segundo Walter Fernando Brites (2014), o funcionamento da represa de Yacyretá no seu limite máximo, impõe a região a formação de um lago de 140.000 hectares, sendo que 30.000 afetam o território argentino, mais especificamente o território da Província de Misiones, onde 28.900 hectares foram cobertos pelas águas, 8,24% do Distrito de Posadas.

3 Durante o artigo adotei as categorias desenvolvidas pelos interlocutores para diferenciar os trabalhadores de Yacyretá, os *profesionales*, e os moradores mais antigos do município de Ituzaingó/Argentina, denominados de *permanentes*.

artigo, por este motivo apresentamos ao longo do texto apenas alguns aspectos possíveis de cotejo. Neste momento, o intuito é analisar as relações entre os antigos habitantes de Ituzaingó com aqueles que chegaram à região durante a construção da hidrelétrica por meio das contribuições teóricas de Norbert Elias e John L. Scotson (2000). Para tanto, durante a realização da pesquisa e também na própria redação do texto levei em consideração ou no mínimo dialoguei com a pesquisa que os referidos autores realizaram e expuseram em “Os estabelecidos e os Outsiders”. Neste sentido, me esforço em apresentar simultaneamente os elementos levantados durante a pesquisa de campo e as análises teóricas.

O artigo está desenvolvido de modo que possa permitir ao leitor visualizar e entender o percurso trilhado na construção do problema de pesquisa, nas análises e nas sínteses realizadas. Assim, inicialmente apresento o desenho da investigação realizada, o que envolve a aproximação do local estudado, as escolhas metodológicas e as fontes utilizadas, ocasião em que enfatizo as reflexões derivadas do estudo da segregação espacial do município. Em um segundo momento, exploro as fontes orais produzidas durante a pesquisa e problematizo aspectos relacionados à segregação social e econômica, o que é acompanhado posteriormente de algumas breves conclusões.

### **1. Ituzaingó não é Winston Parva.**

A cidade de Ituzaingó, fundada no ano de 1864 na margem esquerda do Rio Paraná, fica localizada a 230 km da cidade de Corrientes, a uns 90 km de Posadas e a quase 1.200 km da cidade de Buenos Aires, capital federal da Argentina. Contudo, o pequeno povoado, que ocupava as terras de Bernardino Valle no nordeste da Província de Corrientes (VALLE, 1941; BRÉARD, 2001), tem sua história intrinsecamente relacionada a execução do projeto da hidrelétrica de Yacyretá. Com uma trajetória marcada por interrupções e por denúncias de corrupção (BRITES, 2014), a execução do *Plan de Terminación de Yacyretá* maximizou sua potência e a tornou responsável pela produção de quase 60% da energia elétrica argentina, ampliando ainda mais as transformações urbanas e econômicas nos municípios de Ituzaingó e, especialmente, de Posadas.

Durante todo o processo de execução do projeto de Yacyretá, Ituzaingó sofreu modificações em sua composição demográfica, econômica e política. Segundo o Instituto Nacional de Estadística y Censos (INDEC, 1970, 1980, 1991, 2001 e 2010), o município que em 1970 possuía apenas 3.421 habitantes vivenciou um rápido crescimento de sua população, década após década. Nos primeiros dez anos, o município cresceu 152%, chegando ao número de 8.636 habitantes em 1980. Nas décadas posteriores o ritmo diminuiu, mas a população continuou aumentando com 16.995 em 1991 (crescimento de 96%); 19.073 em 2001 (crescimento de 12%); e 20.891 em 2010 (crescimento de 9,5% em relação a década anterior). Em resumo, da implantação do projeto em Ituzaingó até o ano de 2010, o município sofreu com o acréscimo populacional de 510%.

De uma maneira mais discreta do que ocorreu no município de Posadas/Argentina, a explosão demográfica impulsionada pela construção da hidrelétrica repercutiu diretamente na infraestrutura do município. O maior impacto ocorreu entre os anos de 1978 e 1983, período em que foram construídas as habitações para receber os trabalhadores de Yacyretá no início de 1984<sup>4</sup>. A criação da *Villa Permante*<sup>5</sup>, conjunto habitacional com 300 casas projetadas para abrigar os *profesionales* da usina, foi construída em uma região periférica de Ituzaingó e exigiu o reassentamento de 270 famílias *ituzaingueñas* (ULLOA, BELLINI, 2009, p. 380). Todavia, o processo de desterritorialização e reterritorialização dos antigos moradores não levou em consideração os modos de viver tradicionais de tal população<sup>6</sup>.

---

4 Segundo Thomas (2013), ao todo, a EBY construiu mais de 14.000 casas entre os anos de 1983 e 2010 para atender os trabalhadores de Yacyretá e, principalmente, a população que foi de alguma forma afetada pela construção da barragem no Paraguai e na Argentina.

5 O conjunto habitacional construído para abrigar os *profesionales* de Yacyretá recebe este nome por prever a ocupação de trabalhadores técnicos e operacionais por tempo indeterminado, já que estes profissionais deveriam fixar residência no município. Diferentes daqueles trabalhadores diretamente relacionados as obras civis ou as etapas de concretagem da hidrelétrica, que deveriam ser dispensados logo após o término da construção da barragem.

6 Nesta pesquisa utilizo as categorias de territorialização, a desterritorialização e a reterritorialização desenvolvidas por Rogério Haesbaert da Costa (2011), onde a desterritorialização pode ser entendida como o movimento de abandono de um território, enquanto que reterritorialização consiste no processo de construção do território. Nas palavras do autor, “en el primer movimiento, los agenciamientos se desterritorializan y em el segundo se reterritorializan como nuevos agenciamientos maquímicos de cuerpos y colectivos de enunciación” (COSTA, 2011, p. 106).

O reassentamento foi executado em outra região do município, possibilitado por um convênio entre Yacyretá e o governo da Província de Corrientes, dando origem a um empreendimento habitacional conhecido como *180 Viviendas*. No “*Informe acerca del origen, desarrollo y documentos relevantes de la posición institucional del municipio de Ituzaingó frente a las cuestiones socioambientales de Yacyretá*”, emitido pela Prefeitura Municipal de Ituzaingó no ano de 2004, constata-se que as casas construídas por meio do convênio estabelecido entre a hidrelétrica e o governo provincial foram levantadas com materiais de baixa qualidade e em pequenos lotes, inviabilizando o desenvolvimento das antigas práticas econômicas, como, por exemplo, a criação de animais e a agricultura de subsistência, dificultando a manutenção dos usos e costumes tradicionais.

O bairro *180 Viviendas* é um exemplo de reassentamento urbano implantado pela EBY. No entanto, existiram outros visando atender os ilhéus e a população ribeirinha. Antes da barragem ser fechada no ano de 1994, a EBY promoveu a desterritorialização de toda população rural que seria afetada, onde encontravam-se vinte e nove famílias que viviam nas redondezas de Ituzaingó. Estas foram reterritorializadas em dois novos bairros com características distintas. Quinze famílias foram reassentadas em um bairro próximo do centro da cidade, chamado *15 Viviendas*, enquanto as demais foram colocadas em uma localidade chamada de *Santa Tecla*, localizada na margem do Rio Paraná, a trinta e dois quilômetros do município (ULLOA, BELLINI, 2009).

Segundo Víctor Ulloa e Luzia Marta Bellini (2009), as características das residências dos bairros *180 Viviendas* e *15 Viviendas* é similar, em ambos os casos o tamanho dos lotes e a qualidade das construções não atendem as necessidades dos moradores. Por outro lado, embora o bairro *Santa Tecla* tenha casas feitas no mesmo padrão que os demais reassentamentos, o tamanho dos terrenos permite a continuidade das atividades que os moradores desempenhavam antes da construção da barragem. No entanto, isso não garante uma completa satisfação dos antigos moradores, que apontam para outra consequência negativa da construção da barragem, a dificuldade na obtenção dos peixes.

Além disso, os autores identificaram a existência de um problema comum aos três bairros, a sensação de não pertencimento ao lugar. Enquanto no bairro *Santa Tecla* as reclamações são direcionadas as

mudanças das paisagens e da vizinhança, nos casos dos bairros *180 Viviendas* e *15 Viviendas* o desconforto é agravado por exigir dos antigos moradores a adaptação da vida na cidade:

[...] o tamanho e as características das residências não se enquadram, de modo algum, às necessidades das famílias beneficiadas, sobretudo pela ausência de um terreno adequado para o cultivo e a criação de animais. Atividades, dadas às novas condições de urbanização, muito difíceis de se concretizar. Porém, as maiores queixas desses moradores é quanto a escassez de emprego em Ituzaingó. E, mais do que a escassez de emprego, talvez a ausência de ocupações que eles, efetivamente, sejam capazes de executar (ULLOA, BELLINI, 2009, p. 386).

Semelhantemente, um dos elementos mais marcantes da execução do projeto da hidrelétrica Itaipu Binacional foi a construção de três vilas para abrigar seus trabalhadores em conjunto com as remoções necessárias para tal feito. No caso brasileiro se observa a existência simultânea de dois tipos de segregação: uma segregação interna, entre as diferentes categorias de funcionários; e uma segregação externa, ou seja, das pessoas vinculadas a usina em relação aos moradores mais antigos da cidade de Foz do Iguaçu/Brasil. Segundo Rodrigo Paulo de Jesus (2009, p.11), para a construção da barragem foi preciso uma infraestrutura de apoio “composta por conjuntos residenciais destinados a abrigar as diversas categorias de trabalhadores que se deslocaram para a região, tanto na margem brasileira como na paraguaia”.

A execução do projeto da Usina de Itaipu Binacional exigiu a construção de aproximadamente nove mil casas, sendo que 4.125 localizavam-se do lado brasileiro. Estas casas foram divididas em três conjuntos habitacionais distintos para serem ocupadas de acordo com o cargo exercido pelos trabalhadores. A Vila A era destinada aos funcionários técnicos e administrativos; a Vila B era ocupada pelos engenheiros e cargos de chefia; e a Vila C aos trabalhadores mais diretamente relacionados a construção, como serventes, carpinteiros e pedreiros. O planejamento e a infraestrutura de cada vila também variava. A Vila B era a mais isolada, sendo composta por casas de alto padrão e possuidora de um clube privativo, tendo seu acesso monitorado 24 horas por dia com uma guarita.

Na Vila A encontravam-se casas de qualidade inferior as existentes no bairro destinado aos engenheiros, mas de um padrão superior às do restante da cidade. Neste conjunto encontrava-se alguns aparelhos de uso misto: um hospital para todos os trabalhadores; um centro de abastecimento de alimentos e um colégio para atender os moradores da Vila A e Vila B; e um clube social para atender preferencialmente os moradores da Vila A e C. Estes dois primeiros conjuntos foram planejados para serem permanentes, ou seja, para continuarem existindo depois do término da construção da usina no intuito de atender o corpo técnico de Itaipu. Muito diferente do que foi planejado para a Vila C, que deveria ser extinto logo após o término da obra, mas que devido a resistência dos moradores adquiriu o caráter de permanente (JESUS, 2009).

A hierarquização dos funcionários da hidrelétrica encontrava-se presente na organização dos serviços oferecidos e na tentativa de impor um distanciamento dos moradores da Vila C em relação aqueles que ocupavam as demais vilas. Os conjuntos residenciais ficavam distantes um dos outros, sendo que a Vila C encontrava-se mais próxima do canteiro de obras para facilitar o deslocamento dos trabalhadores (JESUS, 2009). Semelhante ao ocorrido em Ituzaingó, a construção das casas para atender os interesses da hidrelétrica de Itaipu Binacional também exigiu a desterritorialização, neste caso de antigos prostúbulos, além de pequenos agricultores, que foram reterritorializados em regiões mais distantes e menos valorizadas do município (RIBEIRO, 2002).

As tentativas de fiscalização dos trabalhadores e de controle da circulação de pessoas “estranhas” eram exercidas pelo aparelho de repressão da própria hidrelétrica. Com exceção da Vila B, que corresponderia a um condomínio fechado, as outras vilas eram abertas, mas vigiadas constantemente pelas rondas realizadas pelos guardas, que tinham como objetivo impedir o trânsito de pessoas não vinculadas a hidrelétrica e manter a ordem entre os próprios trabalhadores da usina (SESSI, 2015). Com as devidas particularidades, a *Villa Permente* construída pela EBY também teve seu momento de isolamento. Como destacou Luíza, uma de nossas interlocutoras, o bairro construído para os trabalhadores de Yacyretá chegou a ser cercado em determinado período para evitar contato com os moradores locais.

Segundo a entrevistada, que era professora e diretora da Escuela N.º495 há mais de 6 anos, os profissionais da EBY consideravam os moradores locais uma ameaça. E segundo a mesma interlocutora, em grande medida, a discriminação era justificada pelas diferenças existentes nos modos de viver, nos níveis de escolaridade e renda. Neste sentido, era comum chamarem os *permanentes* de “incivilizados, pobres, índios e de ignorantes por não dominarem o espanhol. Naquela época, o município era muito pequeno, o transporte era o cavalo, a carroça e era tudo meio misturado, argentinos, paraguaios, índios, era comum se falar guarani”. Na mesma ocasião, a interlocutora ainda ressaltou que a cerca que separava a vila dos *profesionales* dos moradores *permanentes* havia sido derrubada apenas na década de 1990 pela própria Yacyretá.

A pesquisa realizada por Norbert Elias e John L. Scotson (2000) ao mesmo tempo em que possui semelhanças com o caso estudado em Ituzaingó, também possui diferenças significativas. Winston Parva, localidade estudada pelos autores, correspondia a uma área suburbana de uma grande cidade industrial na Inglaterra, onde viviam aproximadamente 5.000 pessoas de forma bastante coesa, possuindo toda uma infraestrutura própria, como escolas, igrejas, lojas e clubes. A área era composta por três diferentes conjuntos residenciais e por processos de estigmatização e diferenciação próprios. A Zona 1 poderia ser entendida como um residencial de classe média, enquanto as Zonas 2 e 3 eram compostas por operários. Todavia, os moradores das Zonas 1 e 2 se consideravam possuidores de um status superior quando comparados aqueles que viviam na Zona 3.

No intuito de analisar a estigmatização sofrida pelos moradores desta região e os conflitos gerados durante este processo, Elias e Scotson (2000) observaram e descartaram no caso estudado a importância dos aspectos étnicos e econômicos na construção das fronteiras entre as diferentes Zonas e constataram que o elemento determinante nas rotulações estava relacionado, principalmente, ao tempo de residência dos moradores em Winston Parva. Em síntese, os moradores da Zona 1, que eram os habitantes mais antigos, ocupavam posições estratégicas na administração da infraestrutura existente na localidade, algo que lhes garantiam a manutenção de um status de superioridade em relação aos demais.

Neste contexto, os habitantes da Zona 1 são pensados pelos autores como os *estabelecidos*. No entanto, é importante salientar que a categoria não visa apenas sinalizar que os moradores possuem um maior vínculo com o território por estarem há mais tempo nele, mas, por estarem há mais tempo nele, eles se colocam em posição de determinar os padrões sociais que deveriam ser aceitos. Por outro lado, os *outsiders*, não são apenas aqueles que chegaram posteriormente, mas são aqueles que supostamente não seguem, não acompanham ou são excluídos dos padrões hegemônicos defendidos pelos *estabelecidos*. No caso estudado por Elias e Scotson (2000), a forma desenvolvida para estabelecer as fronteiras entre *estabelecidos* e *outsiders* ocorre por meio do ataque a imagem do outro, um ataque simbólico que visa a manutenção do *status quo*.

Na pesquisa realizada em Ituzaingó observou-se a utilização do mesmo mecanismo, mas com uma inversão da situação, pois os moradores mais antigos foram desterritorializados e não tiveram seus usos e costumes considerados quando a população imigrante se deslocou para o município durante a construção de Yacyretá. Na situação investigada, os *permanentes*, que deveriam ser os *estabelecidos* na lógica da população de Winston Parva, foram excluídos territorialmente e culturalmente, enquanto os *profissionais*, que deveriam ser os *outsiders*, impuseram novos hábitos por meio da exclusão física e social dos moradores tradicionais. No caso estudado, o processo de estigmatização e de construção de fronteiras sociais só é possível devido a concentração de poder econômico, que, por sua vez, foi legitimado pelo processo de depreciação do outro.

Constata-se que acompanhando as transformações espaciais, Ituzaingó também sofreu alterações econômicas e socioculturais. Semelhante ao ocorrido durante a construção de Itaipu Binacional, o fluxo migratório para a região de construção da hidrelétrica foi marcado pelo excesso da população masculina, por possuir uma origem diversa e por ser composto por trabalhadores com características diferentes quando comparadas aos *permanentes*. No caso de Itaipu Binacional (CATTÁ, 2009), uma consequência imediata do aumento repentino da população era observada nos preços realizados no mercado, inflacionados devido a relação desproporcional entre o alto número de consumidores e a baixa quantidade de mercadorias disponibilizadas. Dentro de tal conjuntura, alguns problemas sociais já existentes foram agravados, como a

violência, o desemprego, a prostituição e a ocupação de espaços públicos (CATTA, 2009; ULLOA, BELLINI, 2009).

Neste sentido, observa-se que há uma ampla bibliografia referente ao impacto do crescimento demográfico obtido em Foz do Iguaçu/Brasil com o processo de construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu e, em toda ela, se destaca as transformações nos modos de viver dos habitantes locais e o agravamento das situações de vulnerabilidade anteriormente existentes. As mudanças no cotidiano e no território ocupado pela população iguaçuense são analisadas por Luiz Eduardo Catta (2009), Aparecida Darc de Souza (2009), Maria de Fátima Ribeiro (2002), Edson Belo de Souza (1998) e Danilo George Ribeiro (2015), pesquisas que, entre outras coisas, destacam o processo de favelamento<sup>7</sup> e as contradições entre os usos e costumes dos antigos e dos novos moradores.

A importância que o Paraguai adquire durante a construção de ambas as usinas também é similar nos dois casos. Em uma situação de alto índice de desemprego, a diferença de preços das mercadorias ofertadas no Paraguai, quando comparados com aqueles negociados no Brasil ou na Argentina, fizeram com que o mercado paraguaio se tornasse fundamental para a manutenção das populações locais, seja por meio da oferta de produtos com valores mais atrativos ou na geração de renda para uma parcela de trabalhadores desempregados. Em grande medida, a diferença de preços existentes incentivava e ainda incentiva o comércio fronteiriço ao fomentar a existência de ocupações relacionadas a circulação de mercadorias, como aquelas desempenhadas pelas *paseras* (SCHIAVONI, 1993) e pelos *laranjas* (CARDIN, 2011)<sup>8</sup>.

---

7 Nesta pesquisa nos apropriamos da concepção de favelamento utilizada por Mike Davis (2006), que engloba o desenvolvimento de diferentes soluções habitacionais encontradas pela população pobre e excluída de programas habitacionais, como cortiços, processos de autoconstrução, loteamentos informais e ocupações de terras públicas e privadas.

8 Conforme afirma Schiavoni (1993), as *paseras* são trabalhadoras paraguaias que tradicionalmente atuam revendendo mercadorias oriundas do Paraguai na Argentina. Contudo, esta prática pode ser visualizada em outros pontos da fronteira paraguaia, inclusive com o Brasil. Por outro lado, os *laranjas*, conforme define Cardin (2011), correspondem a trabalhadores que transportam mercadorias de um terceiro pelas fronteiras brasileiras, assumindo as mesmas como de sua propriedade.

Neste contexto, se visualiza o fortalecimento das relações de interdependência entre Foz do Iguaçu/Brasil - Ciudad del Este/Paraguai e entre Posadas/Argentina - Encarnación/Paraguai. Diferente do que ocorre no município de Ituzaingó, que não possui um acesso comercial direto com os municípios paraguaios. Atualmente, sua economia é sustentada pela produção agrícola, pecuária, florestal e por um setor turístico ainda incipiente, diferente do que era apresentado antes da construção de Yacyretá. No passado, a principal forma de subsistência era fundamentalmente a pesca, praticada pela população ribeirinha e pelos moradores das quase 300 ilhas que existiam antes do alagamento proporcionado pela barragem. Conforme Víctor Ulloa e Luzia Marta Bellini:

A maior parte dos ilhéus das ilhas pequenas era nômade em virtude, basicamente, das enchentes. Após cada inundação, nada lhes impedia de voltar à sua antiga moradia ou colonizar uma nova ilha. Seu sistema de produção era o de pescadores-lavradores, sistema de produção familiar herdado diretamente dos seus ancestrais indígenas. Como o ilhéu, os ribeirinhos também aparecem como altamente dependentes do rio, em função do rio ser o principal meio de transporte e também por ser quem fornece sua principal fonte de proteína: o peixe. No entanto, o ribeirinho de Ituzaingó diferenciava-se do ilhéu pelo papel cumprido na navegação do Rio Paraná, não apenas como fornecedores de mercadorias em pequena escala (venda de aves, ovos, verduras, etc.) aos grandes barcos, senão que também na comunicação entre os operários desses meios de transporte e seus familiares de terra (ULLOA, BELLINI, 2009, p. 398).

A chegada dos *profesionales*, a construção das novas moradias, a remoção de famílias de *permanentes* e a difícil reterritorialização em localidades que apresentavam obstáculos para a reprodução dos antigos modos de viver, correspondem a alguns dos aspectos mais destacados. Contudo, os conflitos originados durante a execução do projeto de Yacyretá envolveram múltiplas dimensões, atingindo diferentes estratos sociais. Neste sentido, a análise de algumas fontes documentais contidas na Biblioteca Popular de Ituzaingó (BPI), acrescidas das informações obtidas por meio de entrevistas semiestruturadas e também através das conversas informais estabelecidas durante o cotidiano dos moradores locais, explicitam outros elementos presentes nesta história.

Durante estas conversas, a interlocutora Raquel, que tinha aproximadamente 60 anos e era funcionária da BPI, destacou que a construção de Yacyretá não promoveu apenas um intenso fluxo imigratório, mas também processos menores de emigração derivados da exclusão da população nativa. A princípio, achei tal situação curiosa e até mesmo contraditória, pois a minha primeira hipótese era de que a construção de uma obra do porte de Yacyretá geraria um mercado de serviços no município capaz de absorver a força de trabalho ociosa existente. No entanto, inicialmente, a hidrelétrica se postou de maneira hermética, fomentando a existência de duas cidades em um mesmo município, cidades que nem sempre possuíam relações harmônicas, evitando uma maior interação com os *permanentes*.

Neste sentido, Raquel falou que a EBY tinha seu canteiro de obras e toda a estrutura necessária para atender seus trabalhadores, possuindo quase nenhuma dependência em relação aos nativos. Contudo, esta situação de segregação, visualizada facilmente na existência de espaços separados e isolados para os *profissionais* de Yacyretá, onde os *permanentes* não tinham acesso facilitado, respingava no restante das relações sociais da localidade. A construção da usina atingiu os antigos modos de viver dos moradores e isso envolvia as formas de sobreviver, restringindo os espaços de trabalho e plasmando um mercado desigual para as vagas existentes, onde os migrantes possuidores de maior experiência e melhor qualificação tinham vantagem.

Entretanto, escutando Raquel, temos a impressão que a exclusão dos *permanentes* não ocorria apenas entre os *profesionales* e os trabalhadores locais, supostamente portadores de menor qualificação, os *permanentes* pertencentes as famílias mais tradicionais e que ocupavam posições sociais de destaque também foram atingidos por meio de uma gradativa perda de prestígio. A trajetória do primeiro clube social do município, criado em 1874 e frequentado pela elite local, exemplifica isso. O clube teve grande importância até a década de 1960, quando ainda centralizava os aparelhos de lazer e cultura existentes no município, mas a partir do momento em que tais atividades começaram a ser dispersadas ou localizadas em outros locais, ele perdeu espaço e encerrou suas atividades.

Uma das principais estruturas utilizadas no clube correspondia à sala de leitura, que concentrava a existência dos periódicos que chegavam à

Ituzaingó, vindos, principalmente, de Buenos Aires. Entretanto, a partir da década de 1960, com a melhoria no sistema de transporte e de comunicação, ocorreu uma melhor distribuição dos jornais e das revistas por todo o município, fazendo com que a antiga sala fosse gradativamente abandonada. O clube ainda manteve a frequência dos associados por meio dos salões de festas e da estrutura esportiva por mais alguns anos até o momento em que deixou de funcionar completamente, não coincidentemente no mesmo período em que eram inaugurados os clubes vinculados aos profissionais de Yacyretá.

Frequentar um clube social não corresponde apenas a uma prática de lazer, significa também a demarcação de um espaço e a construção de relações que garantem visibilidade e *status*. A segregação espacial imposta pela EBY era correspondente a segregação social, pois os *profesionales* se portavam como detentores de maior capital cultural e econômico, logo, de maior prestígio, ocupando um lugar que antes pertencia a famílias tradicionais. Tal situação, como lembrou Raquel, fizeram com que as gerações mais novas dos *permanentes* fossem embora, dificultando a manutenção das estruturas mais antigas. Neste sentido, os clubes criados a partir da construção de Yacyretá, tais como o “Club 1000 Vivendas” e o “Yacyretá”, que dependiam da empresa contratante e da EBY respectivamente, garantiram a ampliação dos esportes praticados no município e as relações de socialidade dos novos habitantes.

Todavia, o possível processo de emigração dos *permanentes* não pode ser reduzido a uma simples relação de causa e efeito, entre a chegada dos *profesionales* e a migração dos *permanentes*. Não é possível apresentarmos um mapa estatístico do fluxo populacional durante as décadas de 1960, 1970 e 1980 por falta de dados. Os índices fornecidos pelo INDEC apenas sinalizam para o aumento da população, não demonstrando a evasão dos antigos habitantes. Deste modo, o entendimento do fenômeno exige a observação e a problematização das fontes orais coletadas. A fala de Raquel, que nos indicou a existência de uma emigração dos *permanentes* pertencentes a elite local devido à perda de espaço e de prestígio social, parece não ter abrangido a classe trabalhadora, pois entre as entrevistas realizadas há outras percepções sobre estes deslocamentos.

As falas de Luíza, a quem nos referimos anteriormente, de Paula, uma senhora de aproximadamente cinquenta anos que trabalhava na Casa da Cultura, e de Glória, professora há mais de 25 anos e diretora da Escuela N.º71, permitem outra leitura da situação. Nenhuma destas interlocutoras fizeram referência aos conflitos existentes entre os *profesionales* e as elites locais, mas sinalizaram que a emigração de *permanentes*, que era comum até a década de 1970, foi diminuindo conforme o município foi assimilando as transformações ocasionadas pela construção da hidrelétrica. Em linhas gerais, elas indicam que a EBY promoveu o surgimento de novas oportunidades para os jovens, oportunidades culturais, escolares e profissionais que, paulatinamente, foi garantindo a fixação da população.

No âmago destas questões, percebe-se a existência de diferentes leituras dos *permanentes* em relação a Yacyretá. Por um lado, existem queixas referentes ao agravamento dos problemas sociais e à mudança das elites existentes no município, mas, por outro lado, há um entendimento que a EBY garantiu uma melhora na infraestrutura ao construir escolas, cinema, teatro, clubes e também um enriquecimento cultural por possibilitar um fluxo migratório composto por pessoas de diferentes lugares do mundo. Inegavelmente, Yacyretá forneceu aos seus *profesionales* condições adequadas para habitar o município de Ituzaingó, mas, de imediato trouxe fronteiras que os separavam dos *permanentes* e que apenas paulatinamente foram sendo derrubadas. O impacto da construção de Yacyretá pode ser observado em diferentes níveis e em diferentes dimensões da vida social que, se em um primeiro momento trouxe desconforto, mas que posteriormente possibilitou novas experiências ao município.

Um exemplo desta situação pode ser encontrado na dimensão religiosa. Ituzaingó tradicionalmente é uma comunidade católica, tendo sua primeira capela construída no século XIX e sua atual igreja matriz localizada em uma região central da cidade. Tal situação somente é problematizada quando Yacyretá começa a ser construída e se observa a necessidade da incorporação dos imigrantes na comunidade local, momento em que se reconhece a heterogeneidade cultural e religiosa. Este “reconhecimento” é efetivado pela consolidação de outras práticas sociais e pela construção de novos templos, onde se destacam a “Iglesia Evangélica Filadelfia”, a “Asociación de Iglesias Asembela de Dios Cristiana”, a “Iglesia de Jesucristo y de los Santos de los Últimos Dias”,

a “Iglesia Evangélica Congregacional” e a “Iglesia Evangélica Bautista”.

Em síntese, constata-se que a construção do megaempreendimento Yacyretá promoveu mudanças espaciais e econômicas em toda a região afetada pela barragem, não sendo diferente no município de Ituzaingó. No caso estudado, a chegada dos *profesionales* oriundos de diferentes localidades promoveu um choque cultural ao encontrar os moradores locais, um choque reforçado pelos efeitos da EBY nos modos de viver tradicionais, que eram baseados nas práticas de pescadores-lavradores, e explicitado pela segregação espacial, ou seja, pelo isolamento da *Villa Permanente* e pelas dificuldades vivenciadas pela população reassentada nos conjuntos residenciais *180 Viviendas*, *15 Viviendas* e *Santa Tecla*. Contudo, no interior destes processos de segregação, a importância dos processos de estigmatização chamou a atenção.

Com base nestas características, Ituzaingó não pode ser comparada a Winston Parva de maneira simples ou imediata. A região estudada por Elias e Scotson (2000) fazia parte de uma cidade maior e possuía uma história, praticamente em sua totalidade, relacionada à industrialização. Por outro lado, o município argentino analisado possui sua base econômica vinculada ao extrativismo e sua formação demográfica composta por diferentes fluxos migratórios, derivados das frentes de expansão e da frente pioneira e, posteriormente, por trabalhadores que migraram em busca de ocupação em Yacyretá. No entanto, embora as regiões possuam formações históricas e populacionais particulares, em ambos os casos se visualizam a presença da segregação espacial, explicitada por bairros ocupados, em um caso por *establecidos* e *outsiders*, e, no outro, por *permanentes* e *profesionales*.

Entretanto, o aspecto que mais aproxima as realidades encontradas em Winston Parva e em Ituzaingó possui um caráter mais simbólico. Nos dois casos, a busca e a manutenção de posições sociais privilegiadas, que garantiriam um maior status e a possibilidade de difusão de determinados usos e costumes, perpassam pela rotulação ou marcação do outro. Neste contexto, no intuito de entender tais processos e seguindo as pistas deixadas por Norbert Elias e John L. Scotson (2000), busquei no cotidiano escolar outros elementos que pudessem iluminar as situações de conflito, de construção de estereótipos e de fronteiras entre os *profesionales* e os *permanentes*. Para tanto, durante o ano de

2016, realizei entrevistas em quatro escolas, duas de primeiro ciclo e duas do segundo ciclo de formação básica, no intuito de enriquecer os dados já coletados.

## 2. De *permanentes* à *outsiders*.

Fazer parte da investigação no interior dos estabelecimentos educacionais foi um recurso ou atalho utilizado para facilitar a visualização direta de um ambiente onde poderia estar presente traços das relações estabelecidas entre *profesionales* e *permanentes*. Na ocasião da pesquisa observei o cotidiano dos estudantes nos horários de intervalo, entrada e saída das aulas, além de conversar com as diretoras e com os professores. Entre as mais de vinte escolas existentes no município privilegiei aquelas mais centralizadas, como a Escuela N.º 71, a Escuela N. 495 e a Escuela Comercial Juan Bautista Alberdi, instituições que são procuradas por filhos de *profesionales* e de *permanentes*, além da Escuela N.º107, que foi criada com o objetivo inicial de atender com exclusividade os filhos dos trabalhadores de Yacyretá.

Para entender a presença destes estudantes e a organização das escolas, é preciso observar dois aspectos históricos relacionados aos momentos da implantação do projeto Yacyretá. A primeira década de desenvolvimento das obras exigiu a construção de uma escola para receber a grande demanda de estudantes que chegaram ao município devido à presença da EBY, porém a necessidade não foi apenas quantitativa, mas também qualitativa, pois foi preciso um estabelecimento preparado para atender a diversidade cultural de migrantes oriundos de diferentes localidades. Posteriormente, com o fim da construção da barragem e das obras civis, ocorreu a diminuição do número de trabalhadores vinculados a hidrelétrica, o que promoveu uma maior aproximação entre *profesionales* e *permanentes*, possibilitando, inclusive a abertura da Escuela N.º 107 para a comunidade *ituzaingueña*.

Fenômeno semelhante pode ser observado no caso da Hidrelétrica de Itaipu. Durante a primeira década de execução do projeto, foram criados dois colégios, um localizado na Vila A e outro na Vila C, que tinham como principal objetivo atender a demanda endógena da usina,

oferecendo um ensino diferenciado quando comparado ao que existia no município de Foz do Iguaçu/Brasil no mesmo período. Todavia, com o término da obra e com a diminuição do quadro de trabalhadores, os colégios mantidos pela hidrelétrica gradativamente foram sendo abertos para a comunidade em geral e, ao mesmo tempo, os filhos dos trabalhadores de Itaipu começaram a ter a liberdade de estudar em outras instituições.

A situação fomentada por Itaipu mais uma vez expressa a existência da segregação interna e externa. Ao fornecer uma estrutura de ensino específica para os moradores da Vila C, a entidade garantia que as crianças e adolescentes, oriundos das famílias compostas pelos trabalhadores com menor capital econômico e cultural, não dividiriam o mesmo espaço de formação com os moradores da Vila A e da Vila B. Por outro lado, ambos os colégios eram exclusivos para os estudantes com vínculos com a Itaipu, restringindo durante mais de uma década absorção da comunidade local por sua estrutura pedagógica. Após o término desta restrição se visualiza outro momento, marcado pelo encontro do “mundo artificial” construído por Itaipu com o “mundo real”, vivido pelos moradores locais.

Diante deste encontro, vivido também na Escuela N.º 107 e por todos os outros estabelecimentos de ensino que em determinado momento começaram a receber os filhos dos *profesionales* em Ituzaingó, procurei expressões das fronteiras estabelecidas durante o convívio escolar de jovens portadores de trajetórias sociais díspares. Em outras palavras, busquei elementos que contribuíssem nas reflexões referentes aos processos de separação e aproximação de *profesionales* e *permanentes* por meio da observação das relações de jovens oriundos de lugares sociais diferentes, filhos e filhas de antigos moradores do município, marcados pela tradição de pescadores-lavradores, e filhos e filhas de profissionais técnicos, oriundos das mais diferentes localidades e inseridos em um contexto econômico mais favorável, que lhes garantem melhores condições de vida.

Inicialmente, o objetivo era ter acesso ao livro de registro das ocorrências nas escolas e, por meio da análise de seu conteúdo, refletir e produzir sínteses ou tipologias dos problemas enfrentados no ambiente escolar, o que iluminaria o perfil dos envolvidos e as violências mais cometidas. A hipótese era de que em um ambiente escolar, por ser

fechado, ter regras específicas e exigir a convivência direta de jovens possuidores de trajetórias sociais diferentes, os conflitos seriam inevitáveis. Contudo, a pesquisa demonstrou que a ideia inicial estava equivocada. Nenhuma das escolas visitadas fazia uso frequente do livro de ocorrências, não pôr o considerarem um instrumento inadequado, mas por não terem a necessidade.

Fabília, que era professora a 25 anos e encontrava-se como diretora da Escuela N.º71 no momento da entrevista, afirmou que o livro era usado em casos mais sérios e isso era algo raro de ocorrer. Os problemas ocorridos no interior das classes ou os pequenos atritos eram resolvidos com advertências e conversas com os pais, sendo que as situações mais complicadas correspondiam às ocasiões onde algum estudante da escola era flagrado nas ruas no momento em que deveria estar na escola. As diretoras dos outros três estabelecimentos visitados apresentaram perspectivas semelhantes. A professora Inês, que era diretora da Escuela Comercial Juan Bautista Alberdi, completou com ironia, “a única coisa que faz com que os alunos briguem é a concorrência por namorados e namoradas”.

Diante da impossibilidade de encontrar materialidade para refletir sobre a relação dos *permanentes* e *profesionales* foi necessário mudar a forma utilizada para cercar a hipótese. Como vimos, o processo de segregação ocorrido em Ituzaingó possuiu visivelmente uma dimensão física derivada da reorganização territorial imposta pela EBY, mas também uma dimensão mais abstrata e simbólica, ocorrida por meio da estigmatização. Neste sentido, em vez de analisar uma fonte documental que acreditava já existir sobre os atritos dos filhos de *permanentes* e *profesionales*, foi preciso recorrer a outras fontes através da realização de entrevistas. Para tanto, o roteiro foi organizado em três momentos, visando a identificação do interlocutor, a observação do cotidiano escolar e, por fim, o impacto de Yacyretá.

O intuito foi identificar ao longo das narrativas elementos que pudessem ser problematizados antes de questões mais incisivas a respeito da relação entre os filhos de *permanentes* e *profesionales*, no entanto, a prática demonstrou que o esforço de separar o cotidiano escolar do impacto das transformações ocorridas na cidade com a construção da hidrelétrica era inviável. Embora observa-se o esforço de algumas interlocutoras em não responsabilizar EBY pelas questões que fazem

parte da realidade educacional enfrentada, as falas sinalizam que o contexto socioeconômico originado pelo projeto Yacyretá interfere diretamente no trabalho pedagógico.

Luíza, que era diretora da Escuela N.º 495, e Joaquim, professor de Ciências, são objetivos ao afirmarem que Yacyretá, inevitavelmente, interferiu e ainda interfere nas relações escolares. Enquanto o segundo se limitou a apontar que as diferenças econômicas entre os filhos de *permanentes* e *profesionales* garantem experiências diferentes e, conseqüentemente, resultados diferentes na formação escolar, a primeira apresentou uma leitura mais ampla da relação entre as escolas e a EBY, construindo uma narrativa linear referente ao problema:

[...] no ano de 1982 foi criado escolas para atender os trabalhadores de Yacyretá, escolas que somente foram abertas para os *permanentes* no ano 2000. Desde o início, os *profesionales* discriminavam os moradores locais, chegando ao ponto do Conselho da Usina escolher cada um dos professores que educariam seus filhos, eles chegaram a cercar os bairros dos *profesionales* da EBY para não terem contato com os *permanentes*, pois os nativos eram vistos como ameaça.

Luíza, que na ocasião da entrevista encontrava-se como diretora da Escuela N.º 495 a mais de seis anos, anteriormente havia trabalhado na Escuela N.º 107. Sobre esta experiência, a interlocutora afirmou que a abertura do estabelecimento para a comunidade local no ano 2000 explicitou os processos de exclusão dos *permanentes*. Sem constrangimento, falou que “os estudantes locais eram rejeitados” e que “isso pode ser observado até hoje”. Uma das políticas desenvolvidas para tentar minimizar os contrastes foi a universalização da utilização do uniforme, o intuito “era diminuir o abismo que existia entre as crianças que vinham na escola utilizando grifes importadas e aquelas que mal possuíam uma sandália para proteger os pés”.

No entanto, a interlocutora admite que estes problemas não são visíveis entre as crianças que frequentam a Escuela N.º495. Por ser uma escola primária, atendendo até a 6º série, o seu público é composto por crianças que, na concepção de Luíza, ainda são muito inocentes e possuidoras de uma capacidade maior de adaptação, diferente daquilo que ela acreditava ocorrer nas escolas secundárias, onde os adolescentes supostamente possuiriam objetivos mais bem definidos. Entre as 485

crianças matriculadas na Escuela N.º495 há muitos filhos de *profesionales* e a principal distinção deles em relação aos demais está relacionada ao capital cultural acumulado. Segundo Luíza, “o maior capital cultural melhora o desempenho dos alunos. Eles podem ter outras experiências, outras habilidades, dominar melhor o idioma, serem mais desinibidos e menos submissos”.

De certa forma, a posição de Luíza é reforçada pela fala de Solange, que era diretora da Escuela N.º 107 no momento em que a pesquisa foi realizada. Esta interlocutora narra que começou a trabalhar na escola do bairro San Martin no ano de 1987, que havia sido construída para atender os trabalhadores de Yacyretá. Contudo, ela chamou atenção que “depois da abertura das escolas para a comunidade, a escola do bairro continuou a atender somente os filhos dos trabalhadores devido ao seu isolamento”. Diferente da situação da Escuela N.º107 que, por ser centralizada, acabou sendo mais procurada pela comunidade local. Para Solange, “é evidente que ocorreu tensão com a abertura para a comunidade. A escola juntou crianças com níveis econômicos muito distintos”.

Indo além, a interlocutora destacou o fato de que esta situação observada logo após a abertura ainda não se encontra totalmente resolvida. Neste sentido, narrou que “ainda há alguma tensão, mas é normal. É uma tensão entre crianças de níveis econômicos diferentes”. Supostamente, um elemento que pode contribuir com a manutenção do problema está relacionado com a reprodução das antigas práticas pelas gerações atuais. Solange observa que “as crianças que estudaram na Escuela N.º107 durante a década de 1980, hoje possuem seus filhos na escola, mantendo uma tradição”. A “reprodução de uma prática” sinaliza que o processo de estigmatização existentes não corresponde a uma ação individual, mas a uma postura arraigada em determinado grupo social.

Sobre isso, Norbert Elias e John L. Scotson (2000, p. 23) questiona a tendência em considerar o estigma social como se ele fosse simplesmente o despreço de um indivíduo por outras pessoas.

Na atualidade, é comum não se distinguir a estigmatização social e o preconceito individual e não relacioná-los entre si. Em Winston Parva, como em outros lugares, viam-se membros de um grupo estigmatizando os de outro, não por suas qualidades individuais como pessoas, mas por eles

pertencerem a um grupo coletivamente considerado diferente e inferior ao próprio grupo. Portanto, perde-se a chave do problema que costuma ser discutido em categorias como de preconceito social quando ela é exclusivamente buscada na estrutura da personalidade dos indivíduos. Ela só pode ser encontrada ao se considerar a figuração formada pelos dois (ou mais) grupos implicados ou, em outras palavras, a natureza de sua interdependência (ELIAS, SCOTSON, 2000, p. 23).

Estudar em uma escola ou frequentar um clube que anteriormente eram direcionados exclusivamente para os *profesionales*, insere os *permanentes* em uma situação em que os usos e costumes já estavam estabelecidos por aqueles que eram de fora e, como nos lembra Elias e Scotson (2000, p. 23), “um grupo só pode estigmatizar outro com eficácia quando está instalado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído”. Em Ituzaingó, os grupos estabelecidos economicamente, dotados de maior poder econômico, não correspondem ao coletivo de pessoas que estavam a mais tempo vivendo no território. Ele é, fundamentalmente, o grupo composto por migrantes, pelos de fora, enfim, pelos *profesionales*, que vão pautando os novos hábitos, excluindo os *permanentes* e forçando a adoção de outros modos de viver.

A fala de Solange indicou uma conjuntura onde o processo de segregação impulsionado pela E.B.Y. começa a ser naturalizado e sintetizado como uma consequência natural do desenvolvimento. A partir do momento em que a tensão entre *permanentes* e *profesionales* é resumida “simplesmente” por diferenças de níveis econômicos, os processos de desterritorialização e o ataque aos antigos modos de viver dos moradores tradicionais deixam de ter uma origem histórica. Não suficiente, o processo de estigmatização social fica introjetado nos dois grupos, como algo natural, que foge de responsabilidades individuais ou grupais. Elias e Scotson (2000, p. 35) chama a atenção que nesta situação, onde o estigma social atribuído ao outro se transforma em um estigma material, ocorre uma coisificação, onde a responsabilidade pela desigualdade e pelo estigma é atribuída a um agente externo, como à natureza, aos deuses ou ao desenvolvimento.

Neste contexto, as condições de resistência dos *permanentes* em relação ao processo de segregação e estigmatização começam a ser minadas, pois necessariamente o processo é diretamente vinculado ao uso do

poder e aqueles que estão melhores posicionados economicamente possuem vantagens. Neste contexto, Elias e Scotson (2000) afirmam que a estigmatização:

[...] pode surtir um efeito paralisante nos grupos de menor poder. Embora sejam necessárias outras fontes de superioridade de forças para manter a capacidade de estigmatizar, esta última, por si só, é uma arma nada insignificante nas tensões e conflitos legados ao equilíbrio de poder. Por algum tempo, ela pode entrar a capacidade de realização dos grupos dotados de uma parcela menor de poder, bem como sua capacidade de mobilizar as fontes de poder que estejam a seu alcance. Pode até ajudar a perpetuar, durante algum tempo, a primazia de status de um grupo cuja superioridade de poder já tenha diminuído ou desaparecido (ELIAS, SCOTSON, 2000, p. 27).

A professora de matemática Liliana, que atuava na escola primária N.º71, afirmou que não era possível constatar diferenças entre as crianças dos *permanentes* e dos *profesionales* que vão além do aspecto econômico. Assim, deixou de observar que “a supremacia dos aspectos econômicos tem acentuação máxima quando o equilíbrio de poder entre os contendores é mais desigual” (ELIAS, SCOTSON, 2000, p. 33). Na opinião desta interlocutora, a única coisa nítida era o fato de que os filhos dos trabalhadores de Yacyretá entendiam melhor o funcionamento da própria hidrelétrica. Embora ela não tivesse admitido a existência de outras distinções, estas aparecem em um contexto mais amplo. Neste sentido, Liliana explicitou um fenômeno comum em diferentes lugares, mas que permiti problematizar a existência de outros aspectos relacionados. Segundo ela, “os alunos com melhores condições econômicas estudam de manhã e os mais pobres de tarde”.

A estratificação econômica dos estudantes na organização do funcionamento escolar reflete nos índices de retenção, que no período da manhã é de aproximadamente 10% e de tarde chega a 25%. Conversando com Fabrícia, que, como indiquei, atuava como professora há mais de 25 anos e encontrava-se como diretora da Escuela N.º71 no momento da entrevista, foi destacado a inexistência de qualquer determinação legal sobre o período em que cada criança é matriculada, segundo ela, isso depende do interesse e da agilidade dos pais no momento de fazer a inscrição. Na opinião da interlocutora, o pior desempenho dos alunos do vespertino está relacionado às condições de vida dos mesmos, “eles são de famílias desestruturadas, famílias

numerosas, possuem dificuldades nutritivas, dormem de mais, por isso o desempenho é mais baixo”.

A Escuela N.º71, além de atender mais de 600 alunos, também é responsável pela administração regional de toda educação primária oferecida no município. Fabrícia, se apropriando de sua experiência e da posição em que se encontra, defende a EBY, indicando os benefícios trazidos pela hidrelétrica. Para ela, “o projeto de Yacyretá teve um impacto positivo, fez a cidade crescer e promoveu mudanças culturais por causa da chegada dos novos trabalhadores”. Contudo, ela lembra que hoje restam apenas os *profesionales*, já que os operários da construção já não seriam mais necessários. Além disso, afirma não acreditar “na existência de preconceito entre os alunos, pois eles se adaptam”, mas abre a possibilidade da existência entre os pais.

Na opinião de Fabrícia, “os alunos são bem-educados, possuem valores. Os problemas são pouco comuns entre as crianças, não há bullying ou violência, o principal problema é quando algum falta à aula”. Entretanto, não é possível nivelá-los ou homogeneizá-los. Enquanto os alunos da tarde refletem as dificuldades que vivenciam com suas famílias, “os alunos da manhã possuem melhores condições, os pais acompanham mais, e isso se visualiza nos resultados”. Não é difícil concluir que a grande maioria dos filhos dos *profesionales* estudam no período da manhã. A posição de Fabrícia, com a utilização naturalizada das desigualdades econômicas e sociais para justificar a diferença do desempenho dos alunos, corresponde a outro exemplo de coisificação do estigma.

Embora a interlocutora busque uma suposta neutralidade ao atribuir a desigualdade entre os estudantes a pobreza e até mesmo a preguiça dos pais ou aos seus modos de viver, descartando a possibilidade de qualquer preconceito ou estigmatização e valorizando o discurso meramente econômico, quando apontou os aspectos positivos promovidos pela EBY um dos elementos explicitados foi a mudança cultural imposta na sociedade *ituzaingueña*. Em outras palavras, Fabrícia compara de maneira sutil os modos de viver de *permanentes* e *profesionales*, valorizando os usos e costumes trazidos pelos migrantes e que gradativamente foram se sobrepondo as práticas tradicionais.

Em síntese, ao longo das últimas décadas, as relações estabelecidas entre os diferentes grupos de moradores de Ituzaingó se transformaram. Em um primeiro momento, durante a década de 1980, visualizou-se um processo radical de segregação expresso nos processos de desterritorialização e reterritorialização, assim como na estigmatização dos permanentes, alicerçada, principalmente, na diferença apresentada entre os modos do viver. A existência do Mundo de Yacyretá e do Mundo de Ituzaingó produzia fronteiras demarcadas pela cerca que separa a Villa Permanente ou pela Escuela N.º107, que isolava os filhos e filhas dos trabalhadores de Yacyretá.

Com a diminuição do número de pessoas vinculadas com a EBY e a abertura paulatina da estrutura social para a comunidade local observa-se o fluxo de *permanentes* em direção a ocupação e a utilização de aparelhos que antes eram exclusivos para os *profesionales*, mas também o caminho inverso, onde *profesionales* se aproximaram da estrutura existente no município. Tal fenômeno pode ser observado nos usos dos clubes e das escolas. Assim, se constata algumas dinâmicas que vão interagindo e redesenhando constantemente as fronteiras existentes, dinâmicas que existiam no passado, mas que ainda se fazem presentes com intensidades variadas.

### **Considerações finais.**

Primeiramente, é explícito a presença de um isolamento derivado da segregação espacial imposta aos grupos. Este isolamento inicialmente era fundamentalmente físico, mas se ampliou para as relações sociais a partir do momento em que as fronteiras sociais foram sendo demarcadas por processos de estigmatização. Não suficiente, embora possa ter ocorrido aproximações entre *permanentes* e *profesionales* por meio de políticas implantadas nos conjuntos residências dos *permanetes* reterritorializados, as diferenças nas formas de uso do território idealizadas pela EBY e desejadas pelos pescadores-lavradores tradicionais garantem a permanência de um invólucro que garante a permanência da segregação.

Todo o processo de estigmatização social desenvolvido e sustentado pelas diferenças culturais e econômicas existentes entre os dois grupos

em determinado momento deixa de ter a finalidade exclusiva de proteger os *profesionales* da possível ameaça representada pelos *permanentes*, ele passa a ser um instrumento legitimador de poder e das relações hierárquicas entre os grupos, reproduzida no interior das escolas por meio da diferença existente entre aqueles possuidores de maior capital cultural e econômico em relação aos demais estudantes locais. A situação atual, onde as desigualdades radicais são naturalizadas e escondidas atrás do discurso economicista, denuncia ao mesmo tempo a coisificação do estigma e alguns tipos de adaptação a realidade social vivenciada.

Nas narrativas coletadas a diferença social existente encontra sua fundamentação na pobreza. Os estudantes com os piores desempenhos não conseguem obter algum sucesso escolar por serem pobres. Por sua vez, os jovens desempregados não conseguem emprego por serem menos qualificados e são menos qualificados também por serem pobres. Por fim, a população local não possui “cultura” por não ser civilizada e ela não consegue ser civilizada por ser pobre. Atrás do discurso economicista se esconde o processo histórico que deu origem as diferenças existentes em Ituzaingó e se elege o padrão social dos *profesionales* como aquele que deve ser estabelecido como parâmetro. Assim, ter cultura é dominar diferentes idiomas, é ter curso universitário, é ter um emprego técnico, enfim, é transitar pelo universo fomentado a partir da chegada da EBY.

No meio disso, há interlocutoras e interlocutores que reconhecem os aspectos positivos e negativos da execução do projeto de Yacyretá e que defendem o desenvolvimento de ferramentas e políticas que possam estabelecer condições iguais para toda a população do município. Por outro lado, há outras posições que destacam unicamente os avanços econômicos e sociais possibilitados pela EBY, sem observar o custo de tal perspectiva de desenvolvimento. Nesta última leitura, o problema não se encontra na imposição de um modelo de uso do território ou de trabalho, mas na manutenção das práticas tradicionais de sobrevivência. Para concluir, destaca-se que o estudo de Ituzaingó ou mais especificamente das relações entre *permanentes* e *profesionales* pode contribuir para entendimento dos processos de interação fronteiriça entre grupos e sinalizar para elasticidade e potência do ainda atual trabalho de Elias e Scotson (2000).

## Referências

BRÉARD, Miguel Raúl López. **Ituzaingó: un acercamiento a su pasado**. Corrientes: Moglia Ediciones, 2001.

BRITES, Walter Fernando. La mega-hidroeléctrica Yacyretá em el vórtice de las reconfiguraciones urbanas. El caso de las ciudades de Posadas, Argentina y Encarnación, Paraguay. In: **URBS – Revista de Estudios Urbanos y Ciencias Sociales**, vol. 04, N.º 02, 2014. Pp. 91-107.

CARDIN, Eric Gustavo. **Laranjas e sacoleiros na tríplice fronteiras: um estudo da precarização do trabalho no capitalismo contemporâneo**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2011.

CATTA, Luiz Eduardo. **A face da desordem: pobreza e estratégias de sobrevivência em uma cidade de fronteira (1964-1992)**. São Paulo: Blucher acadêmico, 2009.

DAVIS, Mike. **Planeta Favela**. São Paulo: Boitempo, 2006.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

COSTA, Rogério Haesbaert da. **El mito de la desterritorialización: del fin de los territorios a la multiterritorialidad**. México: Siglo XXI, 2011.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA Y CENSOS (INDEC). **Censo Nacional de Población, Hogares y Viviendas**. Buenos Aires, 1970.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA Y CENSOS (INDEC). **Censo Nacional de Población, Hogares y Viviendas**. Buenos Aires, 1980.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA Y CENSOS (INDEC). **Censo Nacional de Población, Hogares y Viviendas**. Buenos Aires, 1991.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA Y CENSOS (INDEC). **Censo Nacional de Población, Hogares y Viviendas**. Buenos Aires, 2001.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA Y CENSOS (INDEC). **Censo Nacional de Población, Hogares y Viviendas**. Buenos Aires, 2010.

JESUS, Rodrigo Paulo de. **De vila operária a bairro dos trabalhadores: processo de constituição do bairro Vila C – 1977 a 2008**. Dissertação (Mestrado em História). Marechal Cândido Rondon: UNIOESTE, 2009.

MUNICIPALIDAD DE ITUZAINGÓ. **Informe acerca del origen, desarrollo y documentos relevantes de la posición institucional del municipio de Ituzaingó frente a las cuestiones socioambientales de Yacyretá**. Ituzaingó, 2004.

RIBEIRO, Maria de Fátima. **Memórias do concreto: vozes na construção de Itaipu**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2002.

RIBEIRO, Danilo George. **Metamorfoses na cidade: tensões e contradições na produção e apropriação do espaço urbano em Foz do Iguaçu**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Toledo: UNIOESTE, 2015.

SCHIAVONI, Lidia. **Frágiles pasos, pesadas cargas. Las comerciantes fronterizas de Posadas – Encarnación**. Posadas: EDUNaM, 1993.

SESSI, Valdir. **“O povo do abismo”: trabalhadores e o aparato repressivo durante a construção da hidrelétrica de Itaipu (1974-1987)**. Dissertação (Mestrado em História). Marechal Cândido Rondon: UNIOESTE, 2015.

SOUZA, Aparecida Darc. **Formação econômica e social de foz do Iguaçu: um estudo sobre as memórias constitutivas da cidade (1970-2008)**. Tese (Doutorado em História Econômica). São Paulo; USP, 2009.

SOUZA, Edson Belo Clemente. **A Região do lago de Itaipu: as políticas públicas a partir dos governos militares e a busca da construção de um espaço regional**. Dissertação (Mestrado em Geografia) Florianópolis: UFSC, 1998.

THOMAS, Oscar Alfredo. Transformaciones derivadas de la construcción del complejo hidroléctrico Yacyretá. In: **Cadernos Urbanos. Espaço, Cultura, Sociedad**, vol. 15, N.º15, Nov. de 2013. Pp. 110-135.

ULLOA, Víctor. BELLINI, Luzia Marta. A usina hidrelétrica de Yacyretá: insustentabilidade e exclusão social no Rio Paraná (Corrientes, Argentina). In: **Revista Sociedade & Natureza**. Uberlândia, 21 (3): 373-391, dez. 2009.

VALLE, Leandro. **Historia de la fundación del pueblo de Ituzaingó en la Provincia de Corrientes**. Buenos Aires: Impresores Peuser, 1941.

*Recebido em 28/09/2016*  
*Aprovado em 27/12/2016*